

ATELIÊS DE ESCULTURA E GRAVURA NA ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PIBID ARTES VISUAIS

Autores: Francisca Cassilane de Morais Silva[1], Fábio José Rodrigues da Costa[2], Jéssica Sinara da Silva Bezerra[3]. Email:cassilane.silva@urca.br
Instituições: [1'2'3]Universidade Regional do Cariri – Crato/CE,Brasil.

RESUMO

A participação no Subprojeto Artes Visuais do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) aproxima licenciandos da realidade escolar e contribui para a formação de futuros professores de Artes Visuais, ao articular os conhecimentos da universidade com a prática docente. Meu objetivo foi vivenciar a prática docente, desenvolver processos artísticos com os estudantes da Educação Básica e compreender diferentes formas de ensinar Artes Visuais na escola. Trata-se de um relato de experiência, de abordagem qualitativa, baseado na minha atuação como bolsista em escolas com supervisões e faixas etárias distintas. Os procedimentos envolveram o planejamento e a condução de ateliês de arte. Inicialmente, participei de um Ateliê de Escultura com alunos do Ensino Fundamental, com massinha de modelar e argila. Em seguida, com a mudança de escola, desenvolvi o ateliê de gravura com alunos do Ensino Médio. Por fim, na EEF Antônio Ferreira de Melo, passei a conduzir o Ateliê de Gravura com alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, utilizando materiais de fácil acesso, como isopor, borracha, EVA e caixas de leite. As atividades práticas foram acompanhadas de apresentações sobre a linguagem da gravura e artistas da região. Como resultado, percebi que a passagem por diferentes contextos escolares distintos foi um dos aspectos mais significativos da experiência, pois mostrou que a prática docente exige adaptações constantes às características de cada turma, escola e momento. A condução do ateliê com o Ensino Médio exigiu de mim maior amadurecimento no planejamento e na mediação das aulas. O contato com os estudantes me mostrou que ensinar Artes Visuais vai além de apresentar técnicas, pois envolve experimentar, aprender junto e trocar saberes. As apresentações sobre artistas da região permitiram que eles conhecessem outros modos de produzir imagem, e essas vivências ampliaram minha segurança diante de situações diversas. Concluo que o PIBID me permitiu colocar em prática, na escola, conhecimentos construídos na universidade, contribuindo para minha formação acadêmica e profissional. A experiência reforça a importância da continuidade do programa e dos espaços de experimentação artística dentro da escola, além de representar uma bagagem de conhecimentos que pretendo levar para minha atuação como professora de Artes Visuais.

Palavras-chave: PIBID; Artes Visuais; Formação docente; Ensino de Arte; Ateliê de Gravura.